

# Equipamentos públicos como espaços para tecnologia social de transformação em favelas e comunidades urbanas

Public Facilities as Spaces for Transformative Social Technology in Slums and Urban Communities

Equipamientos públicos como espacios para la tecnología social transformadora en favelas y comunidades urbanas

**Laís Tiemi Saito**

Universidade Estadual Paulista, Brasil

**Juarez Tadeu de Paula Xavier**

Universidade Estadual Paulista, Brasil

## RESUMO

No universo da pesquisa sobre tecnologias sociais adotadas por movimentos sociais em contexto do enfrentamento à desigualdade e como ação política, surgiu, a partir da netnografia na busca por iniciativas locais disruptivas, o aparecimento no mapa do grupo cultural, teatral e performático que tem em sua base, a pesquisa e a vontade de dizer algo ao mundo – resultando em ocupar o espaço público. A etnografia e entrevistas também foram feitas para entender as motivações, formas de organização, de linguagens, para analisar na perspectiva dos fundamentos bibliográficos da colonialidade, do território e das expressões humanas e subjetivas em meio à tona tecnológica. Busca-se a interpretação do contexto, percebendo as contradições capitalistas, fabulações mercadológicas e possibilidades comunicativas, criativas, artísticas, políticas e econômicas, decorrentes da articulação comunitária no intuito de formação cultural com pesquisa e performance.

Palavras-chave: tecnologia social, comunidade, performance, netnografia, território

Trabalho submetido: 15/06/2025  
Aprovado: 05/08/2025

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-No Derivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>  
© 2025 Laís Tiemi Saito, Juarez Tadeu de Paula Xavier

## ABSTRACT

In the research on social technologies adopted by social movements in the context of confronting inequality and as political action, netnography, in its search for disruptive local initiatives, has led to the emergence of a cultural, theatrical, and performance group based on research and a desire to express itself to the world — resulting in occupying public space. Ethnography and interviews were also conducted to understand the motivations, organizational forms, and languages, analyzing them from the perspective of the bibliographic foundations of coloniality, territory, and human and subjective expressions amidst the technological frenzy. The aim is to interpret the context, perceiving capitalist contradictions, market fabrications, and communicative, creative, artistic, political, and economic possibilities arising from community engagement aimed at cultural formation through research and performance.

Keywords: social technology, community, performance, netnography, territory

## RESUMEN

En la investigación sobre tecnologías sociales adoptadas por movimientos sociales para enfrentar la desigualdad y como acción política, la netnografía, en su búsqueda de iniciativas locales disruptivas, ha dado origen a un grupo cultural, teatral y escénico basado en la investigación y el deseo de expresarse al mundo, lo que resulta en la ocupación del espacio público. También se realizaron etnografías y entrevistas para comprender las motivaciones, las formas organizativas y los lenguajes, analizándolos desde la perspectiva de los fundamentos bibliográficos de la colonialidad, el territorio y las expresiones humanas y subjetivas en medio del frenesí tecnológico. El objetivo es interpretar el contexto, percibiendo las contradicciones capitalistas, las invenciones del mercado y las posibilidades comunicativas, creativas, artísticas, políticas y económicas que surgen de la participación comunitaria dirigida a la formación cultural a través de la investigación y la performance.

Palabras clave: tecnología social, comunidad, performance, netnografía, territorio

Lais Tiemi Saito é mestra em Mídia e Tecnologia, pesquisadora no Núcleo de Estudos em Economia Criativa (NeoCriativa) da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

<https://orcid.org/0009-0009-6863-0010> | [lais.tiemi@unesp.br](mailto:lais.tiemi@unesp.br)

Juarez Tadeu de Paula Xavier é docente da Universidade Estadual Paulista e membro do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (PPGMiT/Faac), coordenador do grupo de pesquisa NeoCriativa Universidade Estadual Paulista (Unesp).

<https://orcid.org/0000-0001-7427-7334> | [juarez.xavier@unesp.br](mailto:juarez.xavier@unesp.br)

## Introdução

Reunir saberes e criatividade no campo de conhecimento individual e coletivo, conectado pelas redes e circulante nos territórios tem sido um desafio nos espaços regionais marcados pela desigualdade e seus traços interseccionais, de classe social, gênero, étnico-raciais, de faixa etária e capacidades (Collins, 2020, p.16,). Nos contextos periféricos e de pobreza das favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2024), existem as vidas que recriam as possibilidades de valorizar a sua história e sua cultura perante as dificuldades agravadas com casos recorrentes de violências estruturais e de operações policiais. Sobreviver torna-se imperativo, mas não só pela sobrevivência, a proposta é a busca para prosperar. Nesse sentido, coloca-se o fazer artístico e sua formação como ponto fundamental de atos disruptivos, sendo tecnologias de resistência (Nemer, 2021), sobretudo quando acontecem em espaços públicos.

A pesquisa feita de maneira etnográfica em áreas marginalizadas no interior do Estado de São Paulo, somada à revisão bibliográfica, netnográfica (Ferro, 2015), junto das entrevistas com agentes culturais e atores sociais, reuniram as metodologias praticadas e aliadas à autoetnografia (Santos, 2017) em que a experiência da autoria é levada em consideração durante a busca das interpretações a partir de descrições densas (Geertz, 1973). Ocorre ao percorrer as periferias pensando em movimentos sociais e pessoas que se articulam para enfrentar as condições de precariedade e injustiças sociais (Custódio, 2017), manifestando suas expressões e recriando alternativas de oportunidades para ascensão social e ter uma vida com dignidade em sua plenitude. Muitas iniciativas podem ser mapeadas sobre quem faz o quê nas áreas periféricas, onde, como, com quem, por quais causas, com quais canais e meios de comunicação, qual linguagem, propósito e perspectiva de mudança. Assim aconteceu na cidade de Bauru, São Paulo<sup>1</sup>, localizada no centro-oeste paulista, que se destaca por ser um polo regional como um centro de comércio, serviços, educação e saúde, sendo candidata ao reconhecimento

1 Informações contidas no panorama de Bauru, no Portal Cidades do IBGE. Disponível em [www.cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama](http://www.cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama).

em ser uma das Cidades Criativas pela Unesco, com destaque para o audiovisual e o projeto que visa mapear, reconhecer e potencializar os setores criativos da cidade<sup>2</sup>. Foram identificados grupos culturais na cidade como agentes de transformação social, a partir da ação de sonhar o que gostariam de dizer ao mundo, adentrar no universo da pesquisa e aprofundamento histórico, para então performar no espetáculo que, para acontecer, teve de ser produzido participativamente, bem como ter aprendido sobre os seus processos e técnicas que envolvem o trabalho da produção cultural, no caso, cênica e em dança.

2 Cultura, Desenvolvimento Econômico, Turismo e Inovação, Educação (2022, 12 de dezembro). Parque Vitória Régia recebe evento Bauru Cidade Criativa. Bauru. Prefeitura de Bauru. [www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=42031](http://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=42031)

As questões políticas são centrais sobre posicionar a importância da economia criativa como política pública (Cunha & Yanaze, 2015), mais do que como um modelo de desenvolvimento. Isto porque a criatividade, como um capital imaterial, pode gerar mudanças nas leituras de mundo com sua formação crítica na intenção de soluções estruturais e maior alcance no sentido de democratizar os meios. Os resultados esperados são condições equânimes de oportunidades, de alternativas para renda, qualidade de vida com soluções inclusivas, educadoras, tecnológicas, políticas, econômicas e culturais, levando à maior ocupação de espaços públicos com ação performática, ou seja, ao executar seus atos a partir da compreensão do cenário e criação teatral para levar uma mensagem no próprio espaço, principalmente com financiamento por captação de recursos.

### **O território sob condições de poder**

O Brasil, terra indígena, colonizado pelos europeus, foi marcado pelos conflitos violentos para a obtenção de domínio sobre as terras, de poder político e econômico. Fanon (1965) marcou, em sua obra *Os condenados da terra*, os estudos sobre o impacto do colonialismo na construção da subjetividade brasileira, no país que viveu 388 anos de escravidão e ainda deixa os resquícios quanto à exploração do trabalho e à manutenção da precariedade com seus traços de pobreza e miséria, aliados a uma política de aniquilamento físico e simbólico da população negra (Nascimento, 2025).

Na perspectiva urbanista, após a transição dos períodos, ao crescimento do capitalismo e na globalização, crescem os lugares segregados dos interesses hegemônicos, nomeados como as favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2024). O estudo com dados vindos da pesquisa realizada pela FGV (2022) é o Novo Mapa da Pobreza, representando a mudança de 2020 para 2021 na mostra do aumento de 42,11% do índice, correspondendo a 7,2 milhões de novos pobres no país, sendo 29,6% da população total do país com renda mensal de até R\$ 497, somando 62,9 milhões de brasileiros. O Estado de São Paulo voltou a elevar a porcentagem da classe mais pobre a partir de 2015, saindo de 11,09% e saltando até 2020 com 15,53% e para 2021, com 17,85%. A proporção da desigualdade no Brasil pode ser mostrada pelo fato de que o 1% mais rico recebe 32,5 vezes mais que os 50% mais pobres, segundo o Mapa da Desigualdade (Rede Nossa São Paulo, 2023). Dados recentes mostram que, em 2025, a desigualdade foi reduzida com o avanço de programas sociais e, até então, voltou ao mesmo patamar do ano de 2012 (Ribeiro, 2025).

Dentro do Plano Diretor da cidade de Bauru (Fipe, 2025) é visível a destinação de áreas privilegiadas, urbanizadas, longe das áreas em prolongada urbanização, denominadas de lotes não implantados, como é possível ver na figura abaixo com legendas marrons, visivelmente periféricas.



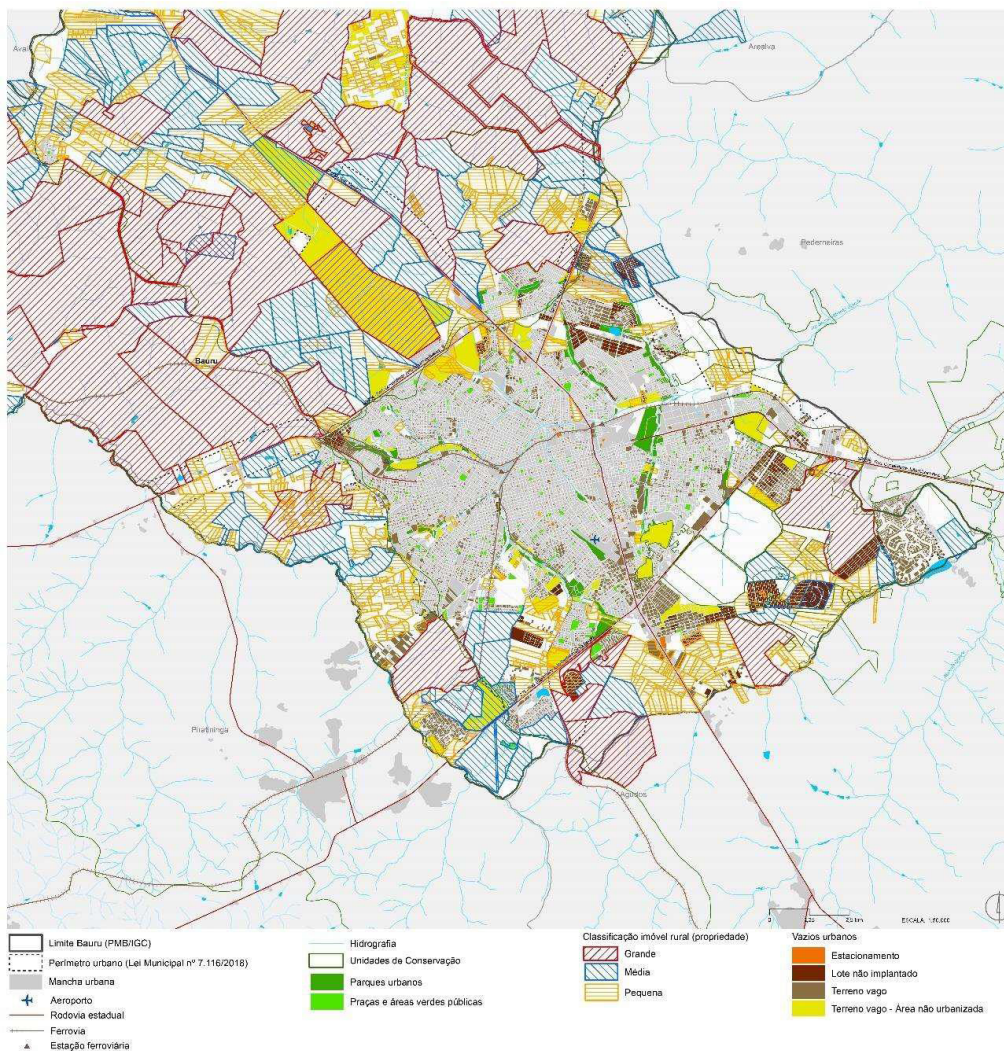


Fig. 1 - Estrutura fundiária e áreas vazias em Bauru. Fonte: Elaboração Fipe: Revisão do plano diretor e da legislação complementar de parcelamento, uso e ocupação do solo do Município de Bauru.

O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número dez<sup>3</sup> é apontado sobre a redução das desigualdades e, neste caso, ressalta-se em “até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra” (Nações Unidas, 2025).

3 Sustainable Development Goal 10: Redução das desigualdades | As Nações Unidas no Brasil. (n.d.). Brasil. un.org. <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/10>

Resta a pergunta sobre como as pessoas enfrentam as situações cotidianas, no sentido de preservar sua cultura, reinventar novas

possibilidades, expressar suas angústias e ter a chance de alterar suas realidades para algo melhor?

### **O lugar em disputa material e simbólica**

Evidentemente, espaços como as favelas carregam um fator semântico de associação com a criminalidade, questão que a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik dirá sobre a ligação do “status de ilegalidade com a própria condição humana de seus habitantes” (Rolnik, 2015, p. 193), momento em que ela associa ao conceito do estado de exceção e que Mbembe (2018) explica no uso da comparação com o regime de *apartheid* ocorrido na África do Sul durante o período de transgressão dos limites morais, resultando na destruição de corpos humanos e populações, denominado como conceito da necropolítica.

O sociólogo Jessé Souza (2018) explana sobre a sociedade periférica no Brasil ser configurada no princípio da exclusão resultante de um longo processo histórico e aceita como um fato natural (Souza, 2018, p. 237). Dá ênfase nas fontes morais que passam a formar a cultura ocidental, partindo de intelectuais que usam as suas teses para justificar a noção de superioridade e teorias legitimadoras de diferenças (Souza, 2018, p. 54). Então busca localizar os aparatos simbólicos para as perspectivas do reconhecimento social que “tem uma base cultural, comunitária e linguística” (Souza, 2018, p. 63).

Santos (2018, p. 33), em uma leitura geográfica da técnica, espaço e tempo, comenta sobre o meio técnico-científico formado pela tecnoesfera e psicoesfera, principalmente, que é resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos e diz:

Hoje, o próprio espaço, o meio técnico-científico, apresenta-se como idêntico conteúdo de racionalidade, graças à intencionalidade na escolha dos seus objetivos, cuja localização, mais do que antes, é funcional aos desígnios dos atores sociais capazes de uma ação racional. (Santos, 2018, p. 33)



O lugar observado na cidade de Bauru foi a região do Ferradura Mirim, uma das maiores favelas de Bauru, região ocupada na zona leste da cidade durante a década de 1980 com estimadas 950 famílias. O bairro está em processo de regularização fundiária, foi rebatizado como Vila do Sucesso pela prefeitura, mas ainda é chamado de Ferradura pela maioria dos moradores, que assim tem em sua história e memória afetiva. No centro do bairro, existe o Centro Comunitário, que abrigava atividades regulares de capoeira para jovens, adultos e crianças, assim como eventos esporádicos, como apresentação de artistas, entre outras atividades eventuais. Recentemente, com o roubo de fiação no local, houve um incêndio que derrubou parte da estrutura principal do local – fato não noticiado em nenhuma mídia local, assim como não solucionado pelo poder público.



Fig. 2 - Visão aérea do bairro Ferradura Mirim/ Bom Sucesso, em Bauru, São Paulo. Fonte: Google Maps, 2025.



arte :lugar :cidade | volume 2, número 2, nov.2025/abr. 2026 | <https://doi.org/10.22409/arte.lugar.cidade.v2i2.68597>

## Saídas disruptivas e sistemáticas

Foram observadas três iniciativas que participaram de uma formação artística no interior do Estado de São Paulo por meio da proposição de vivências que oportunizassem o aprendizado sobre técnicas, junto à consolidação de novos grupos que pudessem seguir com autonomia. Este olhar é associado à perspectiva trazida pelo professor Xavier (2022)<sup>4</sup>, proferida em sua disciplina sobre locus e logus como arranjos disruptivos, produtivos intensos, vindos da cultura subalterna.

Três grupos foram mapeados para serem analisados e um deles é na periferia bauruense, instalado na sede formada por afirmação de parceria com o Instituto Profissional de Reabilitação Social (Iprespa), e outros dois, como grupos que resultaram do processo de formação em conjunto durante oito meses. As perguntas foram sobre as pessoas envolvidas, os processos que percorreram, as plataformas utilizadas e os protocolos éticos adotados.

Durante a entrevista com o primeiro grupo, conforme ocorriam as perguntas e retrospectiva sobre suas trajetórias e ações realizadas, houve um momento de retomada sobre a inspiração no Teatro do Oprimido, de Augusto Boal<sup>5</sup>, revelando a origem das intenções na formação continuada, na vida como teatro e na contestação política, priorizando o atendimento de pessoas marginalizadas. O Centro de Artes e Esportes Unificados da cidade, batizado de CEU das Artes<sup>6</sup>, foi o lugar propício para a realização de encontros semanais, oficinas artísticas, criação de cenários, ensino sobre pesquisa aprofundada, técnicas digitais e preparação para apresentações.

4 Fala do professor Juarez Tadeu de Paula Xavier na disciplina Locus e logus disruptivos da economia criativa, Unesp, em 2022

5 Documentário Augusto Boal e Teatro do Oprimido. (n.d.). [www.youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=VE48YJ767kQ). (2022, 7 de dezembro) <https://www.youtube.com/watch?v=VE48YJ767kQ>

6 Os CEUs também já foram conhecidos como "Praças", PECs (Praça dos Esportes e da Cultura) e Praça do CEU, até serem rebatizados, voltando a chamar CEUs das Artes a partir da Portaria MinC nº54 de 18 de agosto de 2023.



Fig. 4 - Folheto mostrado en la entrevista a una participante de la asamblea de vecinos de Mataderos  
Fotografía: archivo de la entrevistada. Fuente: Entrevista realizada septiembre 2024.

O segundo grupo contém a iniciativa de apresentação solo Rachel Pinke, no espetáculo *Caminhos do tempo*, em dança inspirada na cultura africana. Todo o seu relato de uma mulher parda, mãe de dois filhos e uma filha, expõe sua determinação para acreditar na dança como o seu trabalho, em que foi inspirada durante a sua infância ao ouvir os CDs de música clássica e dançar na sala de casa. Ela recebeu um financiamento como bolsa em uma escola de dança da cidade, participou de formação artística na antiga Oficina Cultural Regional Glauco Pinto de Moraes que proporcionou sua transformação como professora; mais tarde, viria a inaugurar o seu próprio salão e escola de dança em um espaço em sua casa. Ao juntar-se com o primeiro grupo no processo de formação chamado Ato Próprio<sup>7</sup>, refletiu sobre o que gostaria de dizer ao mundo e então decidiu criar o espetáculo *Caminhos do tempo*, inspirado no Orixá Exú para abordar fases do autoconhecimento e a dicotomia humana de forma a valorizar a ancestralidade e a cultura lorubá/Nagô.

7 Projeto realizado pelo Grupo Ato na OAB de Baurópolis com espetáculos culturais gratuitos.

O relato da artista sobre o processo que vivenciou reforça o acolhimento recebido e os aprendizados sobre todas as técnicas envolvidas para o aprofundamento da pesquisa, o fazer criativo e colaborativo até o espetáculo. Ela conta sobre a busca de criar o cenário com recursos baratos, priorizando o uso de materiais encontrados para economizar e dar novas formas criativas, como a montagem da cenografia com uso do papelão e da pintura que compuseram grandes máscaras no palco representando cada Orixá da religião de matriz africana.

O início da sua apresentação é marcado pela filosofia do espelho, com a imitação de pessoas espectadoras, para mostrar em seguida, o sentimento de sufocar a partir desse ato. Então, alguns fios são esticados em direção à plateia e começa uma dança como se fosse uma luta para vencer seu sufocamento. A dançarina grita após a exaustão e, nesse momento, são erguidas as máscaras ao seu redor. Sua roupa é feita de macramê elaborada por ela mesma, a princípio com cores marrons, cinza e verde musgo, sendo ressignificada ao encontrar, por detrás de uma das máscaras representadas pelo Orixá Exú, o vestido com cores brilhantes e vivas de lilás, amarelo e laranja em que veste e é levada com uma dança cheia de força e leveza.

Esta mesma dançarina conta como a experiência no processo de criação a inspirou como mãe, levando a arte para casa, aplicando métodos que aprendeu no processo para envolver seus filhos; além disso, brinca sobre como tirou o dialeto da bronca com o termo de estar fazendo arte, pois afinal é o que ela mais deseja à sua família e à sua cidade, sonhando com um teatro em cada esquina. Ensinaamentos como esses a levaram a promover coreografias de dança em escolas públicas, assim como passasse a receber convites para apresentações em eventos viabilizados por financiamento de editais, tais como a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) e o Programa de Ação Cultural (ProAC).



O terceiro grupo entrevistado foi um grupo de teatro composto por jovens e adultos que escolheram trabalhar acerca da desinformação para falar do seu impacto negativo na sociedade, a partir do roteiro de Nelson Rodrigues<sup>8</sup>. Contam os porquês de acreditar no teatro, como conectarem-se entre si e consigo mesmos, sentindo-se transformados a partir da construção da encenação, tomando consciência sobre atitudes do dia-a-dia devido ao envolvimento e sentimentos trazidos em todo o processo, reforçando sua necessidade como ação política e de transformação social. Revelam o sonho em comum de poder trabalhar com a arte.

8 A peça *O beijo no asfalto* de Nelson Rodrigues foi escrita em 1960, abordando as tragédias sociais, moralismos e o impacto das fake news na sociedade brasileira.

Conviver e percorrer na periferia bauruense, entre bairros que entrecruzam o Núcleo Residencial P. Geisel e o Ferradura Mirim faz perceber o CEU das Artes como um espaço em potencial para o uso das salas com oficinas, encontros, eventos, compartilhamentos, apresentações, aprendizados e acesso para novas oportunidades. A mensagem veiculada em carro de som foi ouvida nos bairros próximos, fazendo preencher todas as vagas destinadas para atividades de expressão corporal e artísticas no CEU. Foi noticiado como a biblioteca aumentou o número de empréstimos dos livros e é possível acompanhar os anúncios de eventos voltados como programação contínua do clube do livro e das oficinas, como a de bordado. Notoriamente, o espaço tem extremo potencial de promover numerosas atividades, receber grande quantidade de famílias, jovens, crianças e idosos em circulação para benefício de toda a comunidade. Entretanto é visível a falta de manutenção, salas vazias, abandono de áreas que acabam sendo tomadas por pessoas em situação de rua, falta de atividades com educadores contratados e, principalmente, a falta de gestores responsáveis pelo espaço e programação.

Agentes culturais independentes acabam articulando-se em coletivos que buscam recursos em editais públicos da Secretaria ou Ministério da Cultura, como o ProAC, Lei Paulo Gustavo (LPG) ou o PNAB<sup>9</sup> para realizar atividades com o propósito de empoderar jovens da comunidade. Um exemplo foi a prática de oficinas de fotografia no bairro do Ferradura Mirim, realizadas por Victor

9 Legislações de incentivo à cultura como PROAC (Programa de Ação Cultural), uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo criada em 2006; a Política Nacional Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo foram instituídas em 2022.

Thiago, membro do Instituto Formando Mentres Coletivas (IFMC), que resultou em exposições na cidade, incluindo o próprio Centro Comunitário citado, reunindo apresentações de música, *Hip Hop*, maracatu, tendas com mulheres trans, entre outras atividades que atraíram moradores naquele dia e em outros espaços com datas programadas.



Fig. 5 - Exposição fotográfica no Centro Comunitário Ferradura Mirim. Fonte: Acervo pessoal.

Estes foram alguns fragmentos listados a partir do mapeamento realizado, destacados devido à formação de novos grupos autônomos e o resgate em trabalhar com os propósitos do Teatro do Oprimido; o reconhecimento da ancestralidade e valorização da expressão individual com profissionalização da arte; a vontade majoritária de trabalhar com o drama e manifestar para o mundo a distinção entre a verdade e a manipulação da informação; a oportunidade de vivenciar oficinas que inspirem e capacitem jovens para a atenção sobre o seu ambiente de convívio, com valorização e reconhecimento de suas obras de arte.

## **Análises e conexões que ligam os pontos**

Santos (2018), na obra *Por uma outra globalização*, descreve na perspectiva de “três mundos em um só” para compreender o fenômeno do planeta globalizado, sendo como perversidade, fabulação e possibilidade, que serão adotados como critérios para a análise em questão. Nesses parâmetros, o autor leva em conta o estado das técnicas e o estado da política, pois a emergência de um mercado global surge das ações vindas de processos políticos eficazes que utilizam um sistema de técnicas avançadas e acabam gerando perversidades sistêmicas e violência estrutural, resultante da presença do dinheiro, da competitividade e da potência, consagrando o fim até mesmo da ética e da política (Santos, 2018, p. 55-56). Por isso mesmo, o reforço para uma globalização mais humana é necessário, ao pensar que essas bases técnicas podem servir a outros objetivos, se forem colocadas a serviço de fins sociais e políticos que misturem as diversidades sociais, provoquem um dinamismo entre pessoas e “filosofias”, valorizem a cultura popular e as experiências cotidianas que permitem conhecer novas possibilidades e escrever uma nova história (Santos, 2018, p. 21).

Ao aplicar os critérios nesse caso em estudo, como perversidade, a observação em bairros na periferia da cidade bauruense faz notar a permanência dos traços da violência sistemática, da pobreza, do racismo, das discriminações, da baixa autoestima e da consequente asfixia social, abordada principalmente como sofrimento das mulheres negras por Carneiro (2011). Não só no campo do território, mas agora no campo digital, os aspectos do colonialismo também se manifestam na forma da detenção de dados absorvidos, manipulados e mercantilizados pelas grandes corporações tecnológicas nos aparelhos celulares (Faustino & Lippold, 2023).

As fabulações são apontadas nas tendências para o empreendedor de si mesmo, de forma a apostar que o empreendedorismo pelo próprio ser artista ou produtor será a saída para a pobreza e a miséria de quem vive com poucos recursos e condições precárias de vida. Outro ponto pode ser mostrado que, mesmo

com maior posse do uso dos celulares em todas as classes sociais brasileiras, a proporção de acesso à internet se mantém desigual<sup>10</sup>, assemelhando ao termo da desigualdade digital (Nemer, 2021) e ampliando a diferença dos conhecimentos técnicos adquiridos para manusear programas mais complexos, ou mesmo quanto às condições de processamento de cada equipamento, dependendo da qualidade do material necessário.

10 Informações coletadas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), sobre o módulo de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), realizada em 2023 pelo IBGE.

As possibilidades que recebem ênfase no sentido de visualizar e planejar a viabilidade para a transformação social caminham para os conceitos da economia criativa, reforçada no sentido como política pública, ao invés de apenas como um modelo de negócio, pois contém a criatividade como recurso imaterial para criar cultura e promover a circulação socioeconômica material de forma ampla e escalonada nos territórios regionais; o cooperativismo de plataforma (Scholz, 2016), como forma de democratizar os meios de comunicação e tecnologia, sendo um modo de aprender o uso das tecnologias para impactar nos serviços públicos e fomento aos formatos solidários; o ativismo e expressão cultural, como viés artístico e emancipatório.

Portanto, resumem-se às pessoas com o potencial transformador a partir da valorização do fazer artístico, como agentes culturais e atores sociais, que elaboram processos de produção cultural com envolvimento da criatividade, do ativismo, do diálogo, da articulação em rede e consolidação de parcerias, usando o espaço público e o ciberespaço, abastecidos de protocolos éticos que valorizam a cultura negra e local, na busca pela justiça social e pela emancipação social. Nas palavras de Boal (2022),

caminhar não é fácil. As sociedades se movem pelo confronto de forças. Não pelo bom senso, pela caridade e pela justiça. Não basta consumir cultura, é necessário produzi-la; não basta gozar arte, é necessário ser artista; não basta produzir ideias, é necessário transformá-las em atos sociais, concretos e continuados porque nós entendemos que arte e cultura são formas de combate tão importantes como



ocupação de terras improdutivas e organização política e solidária. Sonho com o dia em que o Brasil inteiro e no inteiro mundo, haverá em cada cidade, cada povoado e em cada vilarejo, um ponto de cultura onde a cidadania possa criar e expressar a sua arte a fim de compreender melhor a realidade que deve transformar. Nesse dia, finalmente, terá nascido a democracia. Ser cidadão não é viver em sociedade, é transformar a cidade em que se vive. Com a cabeça nas alturas, os pés no chão e mãos à obra. (Boal, 2022)

### **Considerações finais**

As consequências em hipótese, ao reunir atividades de formação artística para crianças, jovens, adultos e idosos, são no sentido do empoderamento e da autoestima, formação de currículo, profissionalização com inspirações para a pesquisa com foco em transformação social por meio do ato performático no espaço público, seja com a preparação para ocupação dos palcos, em acesso aos processos de seleção de projetos culturais e nas próprias câmaras municipais, com representação comunitária e influência política para a legislação favorável à prosperidade de quem vive em áreas marginalizadas.

Ressalta-se a importância do papel dos movimentos sociais, agentes culturais e atores sociais que incluem a cultura em suas ações, valorizando o fazer artístico, a partir da contestação sobre viver com a opressão, e poder se apropriar das tecnologias existentes para resgatar antigas formas de expressão coletiva sobre questões locais, comuns, nacionais e planetárias, além de poder reinventar novas possibilidades dentro do mundo globalizado e capitalista, ou seja, não uma saída do, mas no capitalismo.

Torna-se vital recriar novas formas de solucionar problemas cotidianos, com modos de poder gerar oportunidades para expressar sua própria subjetividade e sensibilizar outras pessoas com causas sociais e ecológicas, aumentando o impacto ao

apresentá-las nas praças, centros culturais e comunitários, bibliotecas, fábricas de cultura, nas ruas e todos os espaços públicos que tenham seus propósitos associados. De toda forma, a escala de transformação social depende do avanço de políticas públicas que envolvam a estrutura da qual as classes sociais mais pobres são sujeitas rotineiramente, tanto sobre a infraestrutura de moradias, de projeto de urbanização para os bairros marginalizados e circulação com mobilidade urbana com linhas de ônibus que conectem ao centro e outras regiões da cidade, que possam oferecer novas oportunidades de vida, quanto ao acesso gratuito às atividades educativas e culturais, fomentando o capital social e cultural das pessoas moradoras de determinadas comunidades.

Com base na etnografia e nos dados de entrevistas coletadas, pontuam-se acerca da importância da existência e da proliferação de editais culturais, com prazos duradouros, informações e plataformas que favoreçam a inclusão social e capacitação para as inscrições. Existe a urgência de transformação social com democratização de meios para ascensão social e melhoria na qualidade de vida em modo equânime e emancipatório, a partir da cooperação e da solidariedade como princípios, alinhadas às parcerias estratégicas para financeirização da cultura.

O fazer artístico é uma alternativa essencial para gerar renda e promover ação política na reivindicação de direitos que reconheçam a história brasileira colonial para a reparação, solidária e justa. Culturas subalternas, ou contra-hegemônicas, ou em conflito com o *status quo*, precisam criar formas disruptivas e inovadoras que ganhem impulso ao obter apoio e têm mais potencial no campo experimental de mudanças enquanto pratica o papel de cidadania na busca pelas condições equânimes e socioeconômicas.

## Referências

Carneiro, S. (2011). *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. Selo Negro.

Collins, P. H. (2020). *Interseccionalidade*. Boitempo.

Custódio, L. (2016). *Midiativismo de favela: reflexões sobre o processo de pesquisa* (1a. ed.). University of Tampere.

Cunha, K. P. L., & Yanaze, M. H. (2025). Economia criativa, um paradigma de política pública contemporâneo? Uma discussão conceitual. *Revistas USP*, 78-87. <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139296/134637>

Fanon, F. (1965). *Os condenados da terra*. Editora Ulisseia.

Faustino, D., & Lippold, W.F. (2023). *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. Boitempo.

Ferro, A. P. R. (2015). A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. *Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queirós*, 5(19).

Fipe. (2025). *Revisão do Plano Diretor e da Legislação Complementar de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo do Município de Bauru*. <https://sites.bauru.sp.gov.br/planodiretor/documentos>

FGV Social. (2022, 28 de junho). *Mapa da Nova Pobreza*. Centro de Políticas Sociais. <https://cps.fgv.br/pesquisas/mapa-da-nova-pobreza>

FGV Social. (2022, 18 de julho). *Mapa da Nova Pobreza: Estudo revela que 29,6% dos brasileiros têm renda familiar inferior a R\$ 497 mensais*. Portal FGV. <https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>

Geertz, C. (1973). *A interpretação das culturas*. Zahar Editores.

IBGE (2024). *Favelas e comunidades urbanas*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102062.pdf>

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. n-1 edições.

Nascimento, C. C. (2025). *Imagens de controle: a perpetuação do racismo na publicidade brasileira*. (Tese de Doutorado). Unesp, Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia. São Paulo.

Nemer, D. (2021). *Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil*. Editora Milfontes.

Rede Nossa São Paulo. (2023). *Mapa da Desigualdade*. [www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/RNSP/Mapa-da-Desigualdade\\_2023.pdf](http://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/RNSP/Mapa-da-Desigualdade_2023.pdf)

Ribeiro, C. (2025, 8 de maio). *IBGE: cai a desigualdade da renda entre ricos e pobres no Brasil*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2025-05/ibge-cai-desigualdade-da-renda-entre-ricos-e-pobres-no-brasil>

Rolnik, R. (2015). *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. Boitempo.

Santos, M. (2018). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record.

Santos, S. M. A. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, 24(1), 214-241. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2017.113972>

Scholz, T. (2016). *Cooperativismo de Plataforma: Contestando a economia do compartilhamento corporativa*. Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante; Autonomia Literária.





arte  
:lugar  
:ciade